



## **VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇA E ADOLESCENTE: UMA ABORDAGEM MULTIPROFISSIONAL**

(Sybelle Karollynne de Holanda Azevedo Barros (1); Romildo Fellipe do Nascimento Silva (1); Diogo Emmanuel Lucena dos Santos (2); Millene Rhayenne Teixeira da Silva (3); Renato Wagner Daniel de Souza Menezes (4))

(Centro Universitário Maurício de Nassau, sybellekarollynne4@gmail.com; Centro Universitário Maurício de Nassau, fellipepsicologo@live.com; Centro Universitário Maurício de Nassau, emmanuel\_lucena@hotmail.com; Faculdade de Ciências Humanas, millene.rhayenne@gmail.com; Faculdade Pernambucana de Saúde, renatowagner1980@gmail.com)

**RESUMO:** O presente estudo objetivou identificar o perfil do adolescente e da criança vítimas de violência sexual e ainda traçar medidas preventivas e de promoção de saúde para criança e adolescente; e também analisar principais abusadores e desse abuso no ambiente intra e extrafamiliar. Estudo exploratório, do tipo pesquisa bibliográfica. Para realização do estudo foram utilizados artigos científicos na base de dados do Google, SCIELO e LILACS, além de consultas em sites do Ministério da Saúde. As vítimas mais constantes são crianças do sexo feminino com idade entre seis anos a dez anos completos, os agressores em sua maior frequência são pais e padrastos. Nos adolescentes, a faixa etária mais atingida foi aquela entre 12 e 14 anos. Principais abusadores: padrastos, pais, cunhados; namorados e desconhecidos. Cresce incidência de abuso sexual de crianças e adolescentes, tanto no ambiente intrafamiliar como no extrafamiliar. Sugere-se educação continuada para apoiar familiares e vítimas de abuso sexual.

**Palavras-Chaves:** Violência Sexual, Maus-Tratos Sexual Infantil, Defesa da Criança e Adolescente.

### **INTRODUÇÃO**

O abuso sexual é definido como a utilização da criança ou adolescente para a obtenção do prazer sexual, seja ele por carícias, manipulação da genitália, ânus ou mama, exploração sexual (a pornografia, o turismo sexual, o tráfico para fins sexuais e a prostituição), voyeurismo e o ato sexual com ou sem penetração (MORAIS; PAULO, 2007).

Sendo, o abuso sexual um dos maiores problemas de saúde pública, preocupa toda a

equipe envolvida na assistência. De acordo com dados de 2013, estima-se que por dia cerca de 165 crianças e adolescentes sofram dessa violência. Quem mais pratica esses atos geralmente são aqueles em que se confia como: familiares, vizinhos, professores ou pessoas desconhecidas. É mais acometido na adolescência, e geralmente com meninas (FERREIRA, 2008).

Além de todo o sofrimento durante o abuso, o menor pode sofrer vários danos. Em curto prazo são as lesões em regiões genitais, edema, hematomas ou lacerações em regiões



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

próximas ou em área genital, dilatação anal ou uretral, rompimento de hímen, equimoses, mordidas ou lacerações em mama, pescoço, abdômen ou região do períneo, sangramento vaginal ou anal, Infecção Sexualmente transmissível (IST), aborto e gravidez. E em longo prazo pode ocorrer alterações no crescimento e desenvolvimento da criança, como baixa autoestima, falta de confiança em si e nas pessoas, Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), depressão, suicídio, promiscuidade, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), transtornos alimentares, comportamento delinquente e prejuízos cognitivos, emocionais, comportamentais e sociais (BORGES; DELL`AGLIO, 2008).

Geralmente, as crianças ou adolescentes não falam quando estão sendo abusadas, pois o agressor faz com que sua vítima fique com muito medo, se sentindo culpada e com receio de ser castigada. Porém, elas dão indícios de que algo está errado, no caso da criança: desenhos estranhos, falam de pesadelos, ficam chorosas, irritadas, apresentam mudanças no comportamento, voltam etapas já desenvolvidas como enurese, chupam dedo, falam como bebê, dentre outros, já os adolescentes demonstram comportamento agressivo. Normalmente, quando elas relatam o abuso sexual para

algum adulto, nem sempre os mesmos acreditam, só chegam a desconfiar da realidade após algum sinal apresentado. Vale ainda ressaltar que o adulto que souber da ocorrência do abuso não pode omitir o fato, pois omissão é crime com punição legal (PFEIFFER; SALVAGNI, 2006).

De acordo com a lei nº 8.069/90 art.º 5, 18, 130, 245 e 250 como o caput de extraordinário e seminal artigo 227 da constituição federal: “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar a criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”(FUKUMOTO; CORNIVO;NETO,2011).

A princípio, o primeiro profissional a ser procurado é o pediatra, ao ser constatado que o menor foi vítima de violência sexual ele deve registrar todo o histórico do abuso e suas circunstâncias, como também achados do exame físico, diagnósticos e as terapêuticas realizadas, tudo deve ser cuidadosamente descrito no prontuário do paciente, pois



ajudará nas necessidades jurídicas. O médico deverá informar aos seus responsáveis legais e os mesmos realizarão um boletim de ocorrência na delegacia, onde será requisitado um laudo do Instituto Médico Legal (IML). Caso o responsável seja negligente ao prestar queixa, o conselho tutelar é acionado, assumindo o poder de tutela provisória pelo menor. Na falta do conselho tutelar a vara da infância e juventude deve ser solicitado (WOISKI; ROCHA, 2010).

Para ajudar a criança ou adolescente a se recuperar do trauma, é importante que haja o afastamento do agressor, terapia e acolhimento familiar. A equipe multiprofissional tem um importante papel nos casos de abuso sexual, pois não só usa seus conhecimentos técnicos para melhorar o estado do paciente como também ajuda no estado emocional dele e de toda a família. Para isso, o profissional deve criar um clima de afinidade, harmonia e confiança, evitando qualquer insinuação de julgamento (FUKUMOTO; CORNIVO; NETO, 2011).

Diante do abuso sexual em crianças e adolescentes e das possíveis repercussões que essa violência pode trazer no crescimento e desenvolvimento do menor até sua fase adulta, despertou-nos assim o interesse de conhecer a frequência, o tipo de abuso e as

consequências sofridas diante da violência sexual.

O presente estudo objetivou identificar o perfil do adolescente e da criança vítimas de violência sexual, bem como traçar medidas preventivas e de promoção de saúde para criança e adolescente vítimas de violência sexual e analisar principais abusadores e desse abuso no ambiente intra e extrafamiliar

## **METODOLOGIA**

### *Tipos de Estudo:*

Trata-se de um estudo exploratório, do tipo pesquisa bibliográfica. A pesquisa exploratória busca, em primeiro lugar, aproximar-se do tema e procura criar maior conhecimento acerca do fato ou fenômeno. A pesquisa bibliográfica é aquela que faz uso total ou parcial de materiais escritos e/ou gravados eletronicamente, os quais possuem informações já elaboradas e aplicadas por outras pessoas.

Para realização do estudo foram utilizados artigos científicos na base de dados do Google, SCIELO e LILACS, além de consultas em sites do Ministério da Saúde.



A Busca foi realizada no período de maio de 2016 e os artigos foram selecionados da seguinte forma:

*Crítérios de inclusão:*

- Artigos que abordavam o tema proposto;
- Artigos em língua portuguesa;
- Artigos publicados entre os anos de 2006-2016.

*Crítérios de exclusão:*

- Foram excluídos os artigos publicados antes de 2006 e os que não abordavam o tema desejado.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O abuso sexual atinge todas as faixas etárias, classes sociais e pessoas de ambos os sexos. Esse é o tipo de agressão que mais danifica o desenvolvimento infantil, ultrapassando os danos gerados por vários tipos de violência como a física, a psicológica, entre outras, frequentemente é realizada sem o uso de força física, havendo opressão e sedução, que muitas vezes, não deixam marcas físicas visíveis nas vítimas e dificultam a sua identificação e registro (FERREIRA, 2008).

Segundo Moraes (2015) as vítimas mais constantes são crianças do sexo feminino com idade entre seis anos a dez anos completos, os agressores em sua maior frequência são pais e padrastos. Nos adolescentes, a faixa etária mais atingida foi aquela entre 12 e 14 anos completos e 14 e 16 anos completos.

A regra da autoridade determina o domínio do mais forte sobre o mais fraco, enquanto que a de gênero, regula as relações entre homens e mulheres. A regra de idade, de um lado rege as relações entre crianças e adolescentes e, do outro, as relações entre adultos detentores do poder e desses sobre os primeiros, socialmente excluídos do processo decisório (FUKUMOTO; CORNIVO; NETO, 2011).

O fato foi igualmente observado também por Inoque e Ristum (2013) ao relatarem que no círculo familiar, os primeiros e segundos filhos são os mais vitimizados. Na distribuição segundo as faixas etárias, destacaram - se os casos envolvendo primogêntas adolescentes e crianças, e pais e padrastos foram os responsáveis pelo maior número de vitimizações, identificando-se os primeiros como responsáveis pelas agressões cometidas



contra crianças e os segundos nas vitimizações perpetradas contra adolescentes.

A violência sexual contra crianças e adolescentes é o envolvimento destes em atividades sexuais com um adulto, ou com qualquer pessoa um pouco mais velha ou maior, nas quais haja uma diferença de idade, de tamanho ou de poder, em que o menor é usado como objeto sexual para gratificação das necessidades ou dos desejos do adulto, sendo ela incapaz de dar um consentimento consciente por causa do desequilíbrio no poder ou de qualquer incapacidade mental ou física (RICAS; DONOSO; GRESTA, 2010).

Nas vitimizações sexuais, além das lesões físicas e genitais sofridas, as pessoas tornam – se mais vulneráveis a outros tipos de violência, aos distúrbios sexuais, ao uso de drogas, a prostituição, à depressão e ao suicídio (INOQUE; RISTUM, 2013).

O abusador geralmente age usando de sedução e ameaças, buscando a parceria da vítima. Ele pode ser um pedófilo assumido ou não. O adulto utiliza-se do poder que tem sobre a criança ou adolescente, usando-a como meio para satisfazer seus desejos, infligindo seu direito à autonomia. A violência pode ocorrer uma única vez, ou pode durar anos, só chegando ao fim quando a

criança, na fase adulta, liberta-se daquela relação considerada patológica (FERRIANI; GARBIN; RIBEIRO, 2013).

É engano acreditar que a maioria dos casos de abuso sexual acontece com autor desconhecido pela vítima, pois o agressor é na sua grande parte alguém da família, de um conhecido da família, isto também acontece nos casos intrafamiliares onde o pai está implicado. Sendo assim, o agressor pode ser qualquer pessoa: tio, pai adotivo, pai, primo, irmão, avô, vizinho e amigo da família (MORAES, 2015).

A criança ou adolescente sexualmente explorado não é resultado de promiscuidade ou de seu próprio desejo. É uma relação de poder na qual prevalece o domínio econômico e a mercantilização do corpo da vítima. Sua ocorrência deve-se a causas múltiplas, tais como a vitimização da criança no próprio contexto familiar, a precariedade das condições socioeconômicas e/ou das relações familiares, a situação de rua, a falta de oportunidades na promoção do desenvolvimento pessoal e social da vítima (WOISKI; ROCHA, 2010).

Segundo Furniss e Veronese (2007) alguns agressores passam a conversar mais com a vítima, passando mais tempo em sua



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

companhia, oferecendo a criança ou adolescente a possibilidade de ganhar sua confiança e, dessa forma, ter condições de testar os limites da vítima, muitas vezes utilizando-se, cada vez mais, dos órgãos sexuais. Essa estratégia parece obter bons resultados com uma progressão do contato das regiões não-sexuais em direção aos órgãos genitais; tudo isso se dá na maioria das vezes dentro de uma relação que progride oferecendo apoio e confiança.

A atuação da equipe multiprofissional junto a crianças e adolescentes que sofreram abuso sexual, constitui um espaço para que os profissionais interajam com os genitores e estabeleça uma relação de ajuda que poderá desencadear nos pais a conscientização da importância de uma nova forma de se relacionar com os filhos e a oportunidade de romper-se o ciclo da violência Multigeracional (RICAS; DONOSO; GRESTA, 2010).

Nesse sentido, os profissionais de saúde que pretendem atuar na assistência a crianças e adolescentes precisam participar de cursos de formação/capacitação nesse campo do conhecimento, dado que são poucos os recursos humanos qualificados envolvidos com o cuidado a pessoas nessa fase da vida (BRINO; WILLIAMS, 2008).

É de suma importância a compreensão – em especial, pelos(as) profissionais de saúde - de que as agressões ou os abusos sexuais geralmente vêm acompanhados por chantagens e ameaças que atemorizam, humilham, intimidam quem os sofre ou sofreu.

É desejável que a equipe de saúde seja composta por médicos(as), psicólogos(as), enfermeiros(as) e assistentes sociais. Entretanto, a falta de um ou mais profissionais na equipe – com exceção do médico(a) – não inviabiliza o atendimento. Ainda que cada um (a) desses (as) profissionais cumpra papel específico no atendimento às mulheres e aos adolescentes, todos (as) devem estar sensibilizados para as questões de violências de gênero

## CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo ensejaram a percepção que as crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual encontram-se inseridas em um grupo social desprivilegiado, no qual as oportunidades são mínimas e as condições de vida nem sempre são desfavoráveis, o maior índice de agressores são pais e padrastos e o sexo feminino é o mais acometido.



A violência contra crianças e adolescentes fere os direitos humanos, sexuais e particulares de uma pessoa em desenvolvimento. Quando se trata de violência sexual intrafamiliar, como foi grande parte dos casos investigados, isso constitui, ainda, uma violação ao direito a uma convivência familiar protetora e uma ultrapassagem dos limites estabelecidos pelas regras sociais, culturais e familiares

Sendo, o abuso sexual um dos maiores problemas de saúde pública, preocupa toda a equipe envolvida na assistência é suma importância a atuação dos profissionais de saúde em campanhas informativas para minimizar esse índice.

O abuso sexual consiste em um problema de cunho político, social e familiar, os resultados deste estudo chamam a atenção para a necessidade de novas pesquisas envolvendo maior número de pesquisas publicadas. Espera-se que os resultados possam contribuir para que os gestores em saúde planejem ações e estratégias que venham minimizar a ocorrência da violência intra e extrafamiliar.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BORGES, J.L.; DELL'AGLIO, D.D. Relações entre Abuso Sexual na Infância, Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) e Prejuízos Cognitivos. *Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 13, n. 2, p. 371-379, 2008.

BRINO, R. F.; & WILLIAMS, L. C. A. Professores como agentes de prevenção do abuso sexual infantil. *Educação e Realidade*. v.33, n.2, p.209-230, 2008.

FERREIRA, A.L. O Atendimento à Crianças Vítimas de Abuso Sexual: Avaliação de um Serviço Público. Tese (Doutorado em Saúde Pública). Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública. Rio de Janeiro, 2008.

FERRIANI, M.G.C.; GARBIN, L.M.; RIBEIRO, M.A. Caracterização de casos em que crianças e adolescentes foram vítimas de abuso sexual na região sudoeste da cidade de Ribeirão Preto-SP. *Acta Paulista Enfermagem*. v.17n.1,p.45-54, 2013.

FURNISS, T. VERONESE, M.A.V. O perfil da violência contra crianças e adolescentes, segundo registros de Conselhos Tutelares: vítimas, agressores e manifestações de violência. *Ciência Saúde Coletiva*. v.12, n.5, p.1129-1141, 2007.

FUKUMOTO, A.E.C.G.; CORNIVO, J.M.; NETO, J.O. Perfil dos Agressores e das Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência Sexual. *Revista Ciência em Extensão*. v.7, n.2, p.10-45, 2011.

INOQUE, S.RV.; RISTUM, M. Violência Sexual: Caracterização e Análise de Casos Revelados na Escola, 2013.

PFEIFFER, L.; SALVAGNI, E.P. Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. *Jornal de Pediatria*, Porto Alegre. v.81, n.5, p.197-204, 2006.



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

MORAIS, N.A; PAULO, P.S. Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes: Um Estudo com Caminhoneiros Brasileiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisas*. Brasília, v.23, n.3, p. 263-272, 2007.

RICAS, J.; DONOSO, M.T.V; GRESTA, M.L.M. A violência na infância como uma

questão cultural. *Texto & Contexto Enfermagem*. v.15, n.1, p.151-154, 2010..

WOISKI, R.O.S.; ROCHA, D.L.B. Cuidado de enfermagem à criança vítima de violência sexual atendida em unidade de emergência hospitalar. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*. v.14, n.1, p. 143-150, 2010.

